

O DESENVOLVIMENTO DO CRISTIANISMO LUSITANO ATRAVÉS DA MORTE: uma análise conforme “Acerca de Lázaro” e “Sobre o Martírio do profeta Isaías”, de Potâmio de Lisboa (séc. IV d.C.)¹

Isabela Faria Damasceno Sant’Anna Smit²

RESUMO

O presente artigo embasa-se nas discussões sobre, principalmente, a propagação do cristianismo na Lusitânia, através da figura do controverso bispo Potâmio de Lisboa, pertencente ao século IV d.C.¹ O fato, no entanto, que torna a obra desse personagem tão intrigante, relaciona-se com o debate sobre as heresias no mundo cristão, e as ambiguidades e contradições presentes na *bios* do bispo olissiponense. Tais questões se tornam ainda mais visíveis quando analisada sua trajetória, cujas oscilações vão desde a ortodoxia nicena, até a heresia ariana. Contudo, o maior objetivo foi abordar o autor, sem dar o enfoque maior a essa questão problemática, mas, sim, compreender através dos documentos *Acerca de Lázaro* e o *Sobre o Martírio do Profeta Isaías*, qual seria o contexto da época e os prováveis motivos da escolha dos temas que serão debatidos, sendo o principal deles os aspectos comuns entre os escritos. Assim, encontrar o que os tornasse, de certa forma, coexistentes, viabilizou entender de maneira mais coesa a vida de Potâmio de Lisboa. Para isso, portanto, abordaremos o tema da ressurreição de Lázaro e a morte do profeta Isaías, a fim de compreendermos, no contexto olissiponense, tanto no particular quanto no lusitano, no geral, o significado dessas personagens, razão pela qual Potâmio as evoca na documentação mencionada, quanto para a comunidade cristã de sua época

Palavras-chave: Antiguidade Tardia. Cristianismo. Lusitânia. Potâmio de Lisboa. Ressurreição. Morte.

ABSTRACT

This article is based on discussions about, mainly, the spread of Christianity in Lusitania, through the figure of the controversial bishop Potamius of Lisbon, belonging to the fourth century A.D. The fact, however, that makes this character's work so intriguing is related to the debate on heresies in the Christian world, and the ambiguities and contradictions present in the bios of the Lisbon bishop. Such issues become even more visible when analyzing his trajectory, whose oscillations range from Nicene orthodoxy to Arian heresy. However, the main objective was to approach the author, without giving greater focus to this problematic issue, but, rather, to understand through the documents *De Lazaro* and *De Martyrio Isaiae Prophetae*", what would be the context of the time, and the probable reasons for choosing the themes to be discussed, the main one being the common aspects between the writings. Thus, finding what made them, in a way, coexisting, made it possible to understand in a more cohesive way, the life of Potamius of Lisbon. For this, therefore, we will address the theme of the resurrection of Lazarus and the death of the prophet Isaiah in order to understand, in the Lisbon context, both in particular and in Lusitanian the meaning of these characters, which is why Potamius evokes them in the documentation. mentioned, and for the Christian community of his time.

Keywords: Late Antiquity. Christianity. Lusitania. Potamius of Lisbon. Resurrection. Death.

INTRODUÇÃO

A riqueza dos acontecimentos narrados na Península Ibérica inunda um território único, cercado de ricos contextos importantes para a História.³ Dentre os fatos conhecidos,

¹ O presente texto é resultado de pesquisas realizadas no âmbito do Programa de Iniciação Científica e do Trabalho de Conclusão de Curso sob orientação da Prof^a. Dr^a. Érica Cristhyane Morais da Silva.

² Graduada em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: isabelassmit@gmail.com

encontra-se o minucioso processo de romanização, que interferiu consideravelmente na localidade aqui discutida.⁴ Compreende-se que anterior a isso, havia uma alteridade bastante acentuada nas regiões a oeste do Mediterrâneo. Isso favoreceu uma contínua modificação a partir do domínio romano, tendo como fruto das características da *pax romana*, uma parcial integração territorial.⁵ De fato, a província lusitana, compreendida como parte de Portugal ao sul do rio Douro, consolidou certa relevância na gestão latina, principalmente através de Olissipo, atual Lisboa, que mesmo não sendo a principal capital no século III, possuía favorável localização para as transações acometidas no Atlântico (MANTAS, 2004, p. 67).

As influências romanas percebidas vão das paisagens urbanísticas à economia. Certamente, essas influências não se apresentam como transformações amplas, visíveis e impactantes se comparadas com outros territórios também sob controle de Roma, mas possuem relevância para a localidade. Uma análise das situações apresentadas permite direcionar a percepção de significativas mudanças sociais na Ibéria, as quais passaram a refletir um diferente estilo de vida nas antigas comunidades ali residentes. Havia, naquele lugar, uma realidade indígena muito evidente, que foi cada vez mais, por conta dos fatores da romanização, alterada progressivamente. Isso, certamente, resultou em novas estruturas sociais e econômicas.

Silva (2021), trazendo um comparativo da conquista romana à ideia das práticas imperialistas, mostra que uma das características delas são:

(...) as questões de ordem cultural. Roma, ao conquistar um território, transformava os aspectos culturais ali presentes, ao mesmo tempo em que recebia influências culturais, moldando seu próprio *modus vivendi* para se adequar àquele determinado espaço. (SILVA, 2021, p. 29).

Para a efetivação do processo aqui apresentado, Mantas (2004) afirma, analisando simples e unicamente pela perspectiva romana, encontrar um cenário cercado pela aculturação, onde os indígenas residentes passaram a sustentar-se romanizados, causando

³ É importante salientar que, como estamos abordando um contexto de domínio romano, hoje, a Península Ibérica corresponde ao território denominado na época pelo termo Hispânia.

⁴ O conceito de romanização é utilizado para referir-se às mudanças sofridas em um território, sejam elas culturais ou urbanas, a partir da dominação romana.

⁵ Silva (2021) aborda o fato da conquista romana na Península Ibérica, a partir do século III, sob os preceitos de Estrabão. Sabe-se, no entanto, a partir dos princípios abordados pelo autor da Antiguidade, que cada região desse território sofreu diferentes formas temporais de romanização, no sentido de rapidez ou lentidão dessa concepção abordada, sendo refletida diversamente em cada território da Hispânia.

impactos visíveis para aquela sociedade.⁶ Mesmo que por muito tempo a problemática que existe nessa tese tenha sido defendida, é controverso pensar que todas as possíveis imposições, por parte dos romanos, foram aceitas pacificamente pelos povos pré-romanos. Contudo, o paradigma apresentado se encerra quando, com um período revisionista, a arqueologia conseguiu nos aproximar do que poderia ser uma realidade plausível do local, trazendo à tona um conceito de romanização muito mais profundo do que se costumava compreender (SILVA, 2021, p. 32-34).

No caso da importância da Hispânia em si, pode ser notada quando, compreendendo Roma como o principal ponto de referência, a Península Ibérica se caracterizava como uma região muito distante geograficamente. A simbologia, enfim, se encontra na relação com o limite do mundo e daquilo que era conhecido, visto que a América não havia sido explorada pelos europeus até então.

De fato, Olissipo não possuía tanta relevância se comparada com o exemplo vívido de *Emerita Augusta*, que era a capital da província da Lusitânia.⁷ Ao fim do século III, no entanto, com a elevação de Mérida à capital da Hispânia, Olissipo pôde se destacar, principalmente levando em consideração o seu valor para as trocas comerciais e circulação marítima (LAMELAS; GONÇALVES, 2020, p. 29-30)⁸.

Com o destaque apresentado, principalmente do contexto histórico para o período discutido, a priori, será exibido o valor do discurso cristão no século IV, a partir da vida e das obras difundidas por Potâmio de Lisboa, um importante membro da Igreja. Tal circunstância implicará no desenvolvimento do território luso, compreendendo que, de fato, as influências e relações da comunidade episcopal transformaram o cenário, cuja magnitude é vista até os dias atuais.

Buscarei adentrar brevemente na história do cristianismo e do gnosticismo, entranhados nos primórdios clericais, a fim de trazer à tona informações relevantes para o desenvolvimento deste artigo. Para isso, serão pleiteadas as análises documentais de duas importantes obras atribuídas ao protagonista do discurso aqui criado, como forma de

⁶ O termo aculturação utilizado aqui pressupõe apenas a visão dominante e de completo desprovimento de conflitos no processo das transformações culturais. No entanto, os povos pré-romanos existiram, possuíram seus costumes, e são descritos por Estrabão, assim como aponta Silva (2021).

⁷ *Emerita Augusta* corresponde à atual cidade de Mérida, pertencente ao território espanhol, com grandes influências romanas em sua paisagem. Hoje, é considerada Patrimônio Mundial pela UNESCO.

⁸ A extensão da Hispânia correspondia, em suma, a todo o território da Península Ibérica.

comparação e investigação entre as possíveis similaridades que elas têm, prováveis motivos de divulgação e, finalmente, suas relevâncias para a sociedade lusitana no período de dominação do Império Romano.

O CRISTIANISMO DE ROMA À PENÍNSULA IBÉRICA

A Lusitânia é um território vasto, e sabendo da já citada importância de Olissipo, percebe-se que “nos centros urbanos, de forma lenta, mas imparável, o Cristianismo vai ganhando adeptos e criando uma estruturação hierárquica que lhe permitirá ser a âncora social ao longo dos diversos tempos de crise” (CARNEIRO, 2009, p. 207). Assim sendo, o viés principal deste artigo, sumariamente, circunda a marcante expansão cristã na Ibéria, principalmente no século IV. Ainda, Carneiro (2009) conclui que esse recorte temporal centenário foi um marco para a história, pois a partir dele, o desenvolvimento verídico de uma prática cristã na Península passou a se tornar mais tangível.

No entanto, é digno destacar a existência de documentos esparsos que ressaltam os primórdios da difusão cristã na Lusitânia. Para Lamelas e Gonçalves (2020), algo que muito intervém benéficamente para esse cenário de desenvolvimento da Igreja na região seria a travessia de mercadores e marinheiros nos portos locais, ou até mesmo os soldados envolvidos na defesa do Império Romano. Por meio das evidências deixadas pelos escritos daqueles que se utilizavam das rotas comerciais ali presentes, tanto Lamelas quanto Gonçalves argumentam ser viável identificarmos as influências da península, através de missões produzidas, oriundas de Roma, que possuíam como objetivo a fundação de novas igrejas. Além disso, existe também uma possível viagem de São Paulo ao atual território que, hoje, identificamos como Espanha.

O Concílio de Elvira, realizado entre 295 e 314, também corrobora para a imagética de uma comunidade cristã minimamente estruturada, visto que bispos das províncias pertencentes à Hispânia estiveram presentes. Logo, “o eclodir das questões teológicas que passam a ser debatidas em público e em grandes assembleias episcopais, envolvendo inclusive figuras políticas, comprova a nova vitalidade das instituições eclesiais.” (LAMELAS; GONÇALVES, 2020, p. 33).

Diante desse cenário, no qual eclodem muitas querelas e dissensões no seio da Igreja, os sermões difundidos na época se tornaram um importante veículo de comunicação que objetivava a evangelização dos não fiéis através do discurso cristão. Desse modo, entende-se que figuras pertencentes à comunidade episcopal doavam seu tempo às suas cidades e dioceses, compostas em suma de um público iletrado, no intuito de reafirmarem uma autoridade eclesiástica adquirida a partir dos privilégios outorgados por Constantino. Conhecido na tradição como Édito de Milão⁹, promulgado em 313, passou a alavancar o crescimento da religião tradicional romana naquela atualidade (SILVA, 2014, p. 209-210).

A compreensão de uma visão de mundo tardo-antiga, debruçada na crença de um ser divino único e soberano, não se reflete em uma sociedade completamente monoteísta, mas aponta certo peso para o crescimento da catequese. Essa análise, porém, invoca o discurso prático da salvação, além da incessante luta entre o bem e o mal.

Tendo isso em vista, uma personagem fundamental se destaca: *Potamius* (Potâmio), conhecido como o primeiro bispo de Lisboa que viveu em meados do século IV, não existindo precisão de datas que representem seu nascimento e morte.¹⁰ Documentos afirmam que Potâmio se envolveu em algumas fases distintas no decorrer de seu caminho, as quais, segundo Moreira (2018), passeiam entre a ortodoxia nicena e a heresia ariana.¹¹ Suas obras conhecidas, no entanto, foram produzidas no âmbito ortodoxo, com certos indicadores afirmativos de abandono do arianismo ao fim de sua vida (MACIEL, 2000, p. 136). Esse é um dos pontos muito debatidos nos estudos sobre Potâmio de Lisboa, pois, levando em conta o plano de fundo da visão ariana, uma vertente cristã que fora considerada heresia pela ortodoxia religiosa, essa personagem se transforma em uma figura um tanto quanto controversa.

Além disso, é possível discernir a importância do olissiponense para as conexões relacionais do mundo cristão, visto que a participação de outras figuras emblemáticas neste estudo enseja a ligação de uma realidade muito mais coexistente do cristianismo na Antiguidade Tardia. Autores como Febádio de Agen, Hilário de Pitiers, Atanásio de

⁹ Estabeleceu a tolerância religiosa por todo o Império Romano, após muito tempo de perseguição aos cristãos.

¹⁰ António Montes Moreira, na apresentação do livro *Escritos de 2020*, cujas obras de Potâmio de Lisboa são difundidas, certifica uma provável data da morte do bispo. Baseando-se no opúsculo de Faustino e Marcelino escrito entre 383 e 384, a provável data de falecimento se enquadra na década de 360.

¹¹ Essa ideia é defendida pela maioria dos autores, mas não representa integralmente a comunidade historiadora especializada no tema. Isso, pois, como afirma Moreira (2020), certo grupo sustenta a tese da permanência ininterrupta de Potâmio na ortodoxia, pois não crê que o bispo a deixou.

Alexandria e os presbíteros Faustino e Marcelino irmão, de fato, mencionar Potâmio de Lisboa em algum momento de suas trajetórias (LAMELAS; GONÇALVES, 2020, p. 55-61), mesmo que a própria figura do bispo esteja envolta por complexidades episcopais.

AA DUALIDADES DE POTÂMIO DE LISBOA

O debate sobre as heresias no mundo cristão envolve uma história multifacetada que se consolida bem antes das controvérsias de Potâmio de Lisboa¹². O caso específico do arianismo em si é inaugurado logo no século IV, quando discussões a respeito da deidade de Jesus Cristo começaram a ser mais relevantes (SOUZA, 2016). Obviamente, o que também muito contribuiu para a caça às heresias no íntimo da Igreja foi a conversão de Constantino ao cristianismo, tornando-o a religião oficial do Império de Roma. Tal questão implica na importância da compreensão em prol das diferenças entre a ortodoxia e o arianismo, cujas duas perspectivas estiveram presentes na vida clerical do primeiro bispo de Olissipo¹³.

Inicialmente, cabe a lembrança da relevância da figura de Jesus Cristo, principalmente quando ortodoxos destacam a divindade dessa personagem, partindo do pressuposto da filiação vinda de Deus. Nessa mesma vertente, Pagels (1979) irá destacar que essa visão não era uniforme nos primeiros séculos, visto que, apesar de muitos se intitularem cristãos, a difusão de práticas religiosas quase não existia. Diferentemente do que foi considerado como consenso universal, neste caso a fé católica ortodoxa, por volta de 200 d. C. foi alvo de perseguição, que se intensificou com a já mencionada conversão de Constantino, juntamente com o apoio militar.

Algo também ponderoso a ser ressaltado no ambiente discutido seria a delimitação da linguística baseada em um discurso verídico a partir da concepção cristã, principalmente ao conflitar com a cultura pagã difundida na época. Desse modo, assim como Potâmio:

Os cristãos cultivavam o saber e queriam provar que também eram capazes de discorrer sobre o conhecimento, a filosofia e a arte, defendendo os valores clássicos na medida em que eles o eram verdadeiramente do ser humano. (MACIEL, 2000, p. 137).

¹² Indícios apontam que desde o século III existe o contexto cristão em Olissipo. Entretanto, apenas com Potâmio esse cenário se tornará palpável (LAMELAS, 2001, p. 62-63).

¹³ Lamelas e Gonçalves (2020) introduzem que Potâmio de Lisboa é suspeito por críticos de sua obra, de associar-se ao arianismo em troca de benesses materiais.

Ao serem analisados os escritos *De Lazaro* e *De Martyrio Isaiae Prophetae*, a questão da língua, entretanto, se torna um ponto substancial, pois cada relato examinado representa um ofício relevante. Em *Acerca de Lázaro*, o bispo primeiramente enfatizará as nuances minuciosas conhecidas a respeito da morte e do luto, além de se apropriar de uma escrita extremamente realista e emocional. Para Moreira (2018), a crença ortodoxa de Potâmio nesse texto está colocada nas referências a Jesus Cristo, reconhecendo sua divindade.

Já em *Sobre o Martírio do Profeta Isaías*, o conhecimento do autor é mais uma vez posto em prova, ao apresentar uma visão totalmente explícita dos fatos em uma extensão bem mais breve se comparada ao escrito anteriormente citado. Todavia, em nenhum momento sua relevância é colocada em debate, pois a riqueza das ocorrências descritas colabora para as análises textuais. Aqui, certamente o conceito do luto é deixado de lado, pois a maior evidência se torna a questão do martírio. Moreira (2018) irá sintetizar a importância desse discurso, apenas no recorte de abordagem da fala inicial do lusitano sobre a fidelidade de Isaías a Cristo e sua divulgação do Reino dos Céus.

Antônio Montes Moreira (2020), ao mencionar Scudieri Ruggieri (1969) na apresentação do livro *Escritos*, de Potâmio de Lisboa, aponta que o bispo lusitano beirava uma linguagem cotidiana, construída através do contato com as línguas locais. Essa afirmação se dá pelo fato da percepção de uma descrição muito precisa em *De Lazaro*, que compete, também, em a fazer-se selecionada como uma homilia. Ainda assim, é importante ressaltar que, primeiramente, esse manuscrito foi atribuído a João Crisóstomo – um grande representante de calorosos sermões –, sendo apenas definida sua autoria por Potâmio no século XVIII.

Voltando, no entanto, ao contexto do gênero documental, a manifestação de uma cultura homilética enfatizada nos séculos IV e V evidencia a importância do discurso dada pela proclamação da oralidade nas assembleias, a fim de concluir-se que a comunidade letrada da época não era muito significativa (SILVA, 2017, p. 220-221). Tradição essa que esteve tão enraizada, chegando, por fim, à classificação de *De Martyrio Isaiae Prophetae* também como uma homilia, pois percebe-se claramente no decorrer da obra a menção da atenção do público.

Em *De Lazaro*, o fator homilético da obra se destaca no trecho: “Com grande espanto, irmãos, e grande admiração me arrasto no meio das ondas vertiginosas, por entre duvidosas diligências, de um lado e doutro, no cavado abismo do turbilhão” (POTÂMIO DE LISBOA,

2020, p. 115). Aqui, a palavra *irmãos* salienta a direção da fala do bispo aos seus ouvintes. No caso da narrativa, entende-se, como afirmam Lamelas e Gonçalves (2020), que os temas abrangentes acerca da morte de Lázaro e sua amizade com Jesus transparecem também questões típicas desenvolvidas em homilias.

Já em *De Martyrio Isaiae Prophetae*, o destaque textual que afirma o gênero homilético se encontra na frase: “Por isso prestai atenção, com olhar solícito, à nova notoriedade da velha ciência que trata dos sofrimentos.” (POTÂMIO DE LISBOA, 2020, p. 124). Com essa afirmativa, a frase indica uma escassa evidência no escrito de que o olissiponense se dirigia a uma assembleia.

POTÂMIO ALÉM DO ARIANISMO E DA ORTODOXIA

Certas concepções ladeiam questões de morte, luto, memória, espaços funerários sagrados e o martírio que, em conjunto, afetam a construção de uma paisagem em progresso na Antiguidade Tardia de Potâmio de Lisboa.¹⁴ Especialmente na Lusitânia do século IV, o desenvolvimento do cristianismo afetou abundantemente o modo de vida dos hispânicos. Paralelamente, ao afetar a vida, a nova religião esteve presente também na morte, ao deslocar os campos mortuários para próximo das residências, tanto no meio rural quanto no urbano, afetando a discussão de séculos antes contidas na Antiguidade (BERNARDES, 2017, p. 370). Não obstante, a estrutura social representada pela parcela da população finada esteve muito visível neste período, principalmente pelo fato de o direito romano considerar o túmulo como um local sagrado, além de ser o retrato lapidado da memória (OMENA, 2020, p. 4).

A excentricidade da cultura fúnebre enxergada a partir dos relatos do bispo de Olissipo, está também vislumbrada por uma anedota onde:

A igreja, que elabora ritos cristãos religiosos, como a Comunhão à hora da morte, não encara, durante os séculos IV a VI, o culto dos mortos como algo público ou comunitário que lhe caiba organizar, razão pela qual não vê a necessidade ou

¹⁴ De fato, compreende-se que ainda no século IV, muito pela oficialização da fé cristã, se tornou fundamental divulgá-la. Contudo, ainda assim crê-se que a cultura do martírio, além da convicção em Jesus Cristo, era algo muito forte na época, principalmente pelo ponto de vista da região específica da Lusitânia. Assim, quando André Carneiro (2009) lembra sobre as primeiras e principais alusões a martírios nos centros urbanos, salienta-se a força que essas histórias continham sobre a população. Indubitavelmente, o martírio dos irmãos Verissimus, Maxima e Julia de Lisboa, mesmo sem evidências históricas concretas, ganha peso para a análise contextual, pois marcou a gênese do cristianismo na região.

obrigação de criar espaços específicos de enterramento para os cristãos. (BERNARDES, 2017, p. 372).

Bernardes (2017) irá ressaltar que nos primeiros anos da cultura cristã, o cenário dos funerais está complexamente ligado ao âmbito privado, o que explica o fato de muitos túmulos estarem presentes em delimitadas necrópoles nas regiões das *villae* ou cidades, especialmente voltadas ao cunho familiar. Entretanto, é apenas com Isidoro de Sevilha que, em uma época favorável ao crescimento territorial da Igreja, os enterramentos do povo cristão estarão concentrados em um mesmo lugar (BERNARDES, 2017).

Potâmio irá descrever, acerca dessa imagem fúnebre, questões que circundam termos como ressurreição e morte. Em *De Lazaro*, a questão envolvendo o retorno à vida está associada, desde a Antiguidade, ao período da Páscoa. Como indicam Lamelas e Gonçalves (2020), esse texto já era utilizado, na época de Potâmio de Lisboa, na cerimônia da Eucaristia em Jerusalém. Por esse mesmo fato, o escrito se difundiu a ponto de ser conhecido e comentado por muitos integrantes clericais coexistentes ao bispo olissiponense.

A ressurreição, de fato, se torna ainda mais exaltada, quando o autor enfatiza a morte assim dita neste fragmento: “Ai, como é que não podia um cadáver com quatro dias e quatro noites formar, através de toda a sua boca, rios de sentinas de bîlis e de muco, e, depois de corrompidos os seus membros, produzir os pestilentos vapores dos seus pulmões [...]” (POTÂMIO DE LISBOA, 2020, p. 116-117).

Após declarar a persona de Lázaro como um indivíduo já sem vida, Potâmio ainda expõe seu lamento em prol do choro de Cristo, antes de finalizar seu opúsculo com o milagre da ressurreição. Assim, ele anuncia que a morte, enfim, é vencida, descrevendo também o restabelecimento de Lázaro, antagônico ao que havia sido mencionado no início do texto a respeito da decomposição de seu corpo.

No caso específico em *De Martyrio Isaiae Prophetæ*, “o tema da morte violenta do profeta é propício a que o bispo lusitano desenvolva o seu comentário no estilo que lhe é próprio. Reduzindo ao mínimo a narração do enredo, o texto quase se restringe à descrição do horror do martírio” (LAMELAS; GONÇALVES, 2020, p. 93). Assim, o seguinte excerto diz:

Quando a serra abria caminho pela cabeça, ou seja, pelo centro onde se juntam as faculdades sensitivas, e traçava os sulcos que os seus dentes escavavam com um ruído alternado, a lâmina ia deslizando, creio eu, cravando os seus dentes, e, passando por entre a seara dos cabelos e pelo espesso véu da sua cobertura, bem como pela massa glutinosa da pele endurecida, acabou por submergir a sabedoria

hebraica que estava na sua cabeça, a textura da sua massa encefálica. (POTÂMIO DE LISBOA, 2020, p. 125).

É vista uma diferença brusca entre os dois escritos, quanto ao início e ao fim de cada um deles. Enquanto *Acerca de Lázaro* expõe uma introdução aos seus destinatários e finaliza o discurso com um ardor profundo à figura de Deus, o *Sobre o Martírio do Profeta Isaías* inicia sem nenhum tipo de prelúdio e finaliza de forma súbita, sem qualquer apelo doutrinal. Isso leva a crer que a última obra aqui descrita possa ser apenas uma parcela de um documento ainda maior. Outra possibilidade seria, também, a intencionalidade dessa forma abrupta, a fim de afrontar àqueles que estariam ouvindo (LAMELAS; GONÇALVES, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por mais peculiar que seja a controvérsia de Potâmio de Lisboa, é inegável que ele possui sua relevância. Assim como Isidro Lamelas (2001) salienta, o bispo de Olissipo não só contribuiu para o enriquecimento de documentações históricas, mas também abrangeu umas das primeiras concepções teológicas em discussões ainda pouco difundidas no território português.

O estudo do corpo, além dos sinônimos ligados à história de Jesus, definitivamente tornam os dois documentos apresentados, meios de análise em comum, que retratam também a vida de Potâmio de Lisboa e o que o bispo quis reproduzir em seu ministério. Nesse contexto, defendendo a vertente ortodoxa do catolicismo, Tertuliano indica que o mistério da ressurreição não se encontra na imortalidade da alma, dado que até mesmo os hereges creem nesse aspecto. A apreciação do episódio está, de fato, no ressuscitar da carne, pois assim como os demais seres humanos, Cristo esteve presente em corpo, mas sofreu, morreu e ressurgiu (PAGELS, 1979). Compreendendo o valor do corpo para o mundo ortodoxo, há de se atestar que o elo mais profundo entre os documentos está, a priori, na religião, cuja vida biográfica de Jesus é o centro difusor da fé cristã e, certamente, o que o bispo almejava transparecer ao povo.

Nesse mesmo século IV discutido, todavia, a difusão dos martírios esteve bastante presente. Para tal situação, os sepultamentos passarão a representar preciosos locais de culto, pois essencialmente a conexão entre o indivíduo e o mártir transcende os fatores divinos. Isso

porque, em contrapartida com as religiões pagãs, o defunto havia sido alguém minimamente tangível, pois um dia foi composto também de carne e osso (CARNEIRO, 2009).

É interessante pensar que neste momento o martírio se tornou um protagonista fundamental nas literaturas envolvendo a cristandade, principalmente pelo fato de apresentar-se possível a todos. De fato, “todo cristão era um mártir em potencial, esperando a oportunidade de receber o suplício. Converter-se era deste modo, uma porta para a heroificação ao estilo cristão.” (GONÇALVES, 2013, p. 142).

Nos escritos, é viável compreender como o contexto do século abordava as situações morte e corpo, principalmente no espaço do sagrado, envolvendo até mesmo a paisagem ambiental. De certo modo, foi possível concluir que na Lusitânia do século IV, com a difusão do cristianismo, a forma como a experiência da morte afetava a comunidade se materializou a partir das histórias narradas por figuras importantes da Igreja, que detinham o conhecimento e a letra.

É de se esperar que toda a alocução descrita aqui reflete em lugares de memória que passarão a ter um significado grandioso com o passar dos séculos. No entanto, para que isso aconteça, é fundamental que haja uma recorrência da recordação de ditos fatos, pois, para dar início a uma assiduidade de certas lembranças e à criação dos lugares de memória, se torna imprescindível produzir um sentimento que até então é inexistente. Para isso, é necessário realizar celebrações, exprimir enaltecimentos fúnebres e manter uma reminiscência, levando em consideração que essas ações não são espontâneas (NORA, 1993).

Embora haja essa enfática, os locais de memória necessitam também de uma certa representatividade além, até porque, “mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica.” (NORA, 1993, p. 21). A memória funerária, portanto, está totalmente voltada para esse mundo de simbolismos, observando que desde gregos e romanos, a relevância das estelas e dos sarcófagos é enaltecida (LE GOFF, 1990).

O túmulo como um espaço sagrado significa, enfim, um alegórico evo de propagação das memórias, ao entendermos que os restos mortais depositados nas sepulturas estavam dispostos sob o direito romano, enaltecendo até mesmo as particularidades de uma comunidade (OMENA, 2020). Por certo, é improvável também não pensar na existência a partir desse ponto, da morte como um espetáculo.

REFERÊNCIAS

- BERNARDES, J. P. A transformação do espaço funerário no ocidente entre os séculos IV e VI. Ambiguidades e loci sepultura e em espaços rurais do sul da Lusitânia: o caso dos templos. In: CARNEIRO, André; TEIXEIRA, C. (coord.). **Arqueologia da transição: entre o mundo romano e a Idade Média**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, p. 367-383, 2017.
- CARNEIRO, André. **Sobre a cristianização da Lusitânia**: novas reflexões a partir dos dados históricos e das evidências arqueológicas. *Espacio, Tiempo y Forma. Serie I, Prehistoria y Arqueologia*, n. 2, 2009, p. 205-220.
- LAMELAS, I. P. **Mistério da Trindade e Maria em Potâmio de Lisboa (?-c. 360)**. *Didaskalia*, Lisboa, v. 31, n. 1, 2001, p. 61-87.
- LAMELAS, I. P.; GONÇALVES, J. A. **Potâmio de Lisboa**: Escritos. Lisboa: Universidade Católica, 2020.
- MACIEL, M. J. **Entre Constâncio II e Juliano**: a linguagem de Potâmio de Lisboa e o conhecimento da Lusitânia do séc. IV. *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, Lisboa, n. 13, Edições Colibri, p. 135-148, 2000.
- MANTAS, Vasco Gil. **A Lusitânia e o Mediterrâneo**: identidade e diversidade numa província romana. *Revista Conimbriga*, Coimbra, v. 43, p. 63-83, 2004.
- MOREIRA, A. M. **Potâmio e a diocese de Lisboa na época romana (séc. III-V)**. In: ANDRADE, Maria Filomena; FARELO, Mário; GOUVEIA, António Camões (coords.). *Bispos e arcebispos de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte, 2018, p. 27-50.
- NORA, P. **Entre memória e história**: A problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. São Paulo: Projeto História, v. 10, 1993, p. 7-28.
- OMENA, L. M. **Dimensões espaciais entre morte, memória e experiências emocionais**: um estudo de caso à luz do mausoléu de Otaviano. *Revista História*, São Paulo, v. 39, p. 1-29, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-4369e2020039>. Acesso em: 25 jun. 2021.
- PAGELS, E. **Os evangelhos gnósticos**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1979.
- POTÂMIO DE LISBOA. **Escritos**. Tradução de José António Gonçalves e Isidro Pereira Lamelas. Lisboa: Universidade Católica, 2020.
- SILVA, G. V. **Cultura Escrita e comunicação oral no cristianismo antigo**: as homilias como instrumento de poder. *Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos*, n. 9, p. 212-233, 2017.

SILVA, G. A. **Estrabão e o domínio romano sobre a Ibéria**: Um estudo à luz dos conceitos de isotopia e heterotopia (27 a.C. - 23 d.C.). Orientador: Gilvan Ventura da Silva. 2021. 275 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vitória, 2021.

SILVA, P. D. **Sermões e pregação no ocidente medieval (séculos IV-VI)**: aspectos conceituais e metodológicos. Revista Territórios e Fronteiras, Cuiabá, v. 7, n. 1, p. 202-230, jan.-jun., 2014.

SOUZA, F. H. S. A “**condenação**” do arianismo (século IV d. C.). Revista Jesus Histórico, Rio de Janeiro, v. IX, p. 58-76, 2016.